

Encontros e Desencontros entre a “I Carta de Paulo aos Coríntios”, o Estoicismo e a “Epiméleia Heautoû”
ENCOUNTERS AND DISCONNECTIONS BETWEEN THE “FIRST EPISTLE OF PAUL TO THE CORINTHIANS”, STOICISM, AND “EPIMÉLEIA HEAUTOÛ”

*Sílvia Cristina Borragini-Abuchaim **

*Nádia Vitorino Vieira ***

*Viviane Cristina Cândido ****

RESUMO

O Cristianismo nascente foi influenciado pelas tradições judaicas num contexto em que o mundo greco-romano se encontrava imerso no Helenismo. Paulo, fariseu, nascido em Tarso e educado em Jerusalém, converteu-se ao Cristo às portas de Damasco. O Apóstolo sofreu a influência da filosofia helenística, especialmente do Estoicismo, perceptível em seus discursos e nas 14 cartas que lhe foram atribuídas no *Novo Testamento*. Elegemos para nossas reflexões a *I Carta aos Coríntios*, cujos temas centrais ofereciam possibilidade de diálogo com a filosofia estoica. Fizemos ainda um recorte para verificar como se daria esta interlocução com a *epiméleia heautoû*, expressão grega que se refere à noção de “cuidado de si”. Nosso objetivo foi promover um diálogo entre Filosofia (estoica), Saúde (*epiméleia heautoû*) e Espiritualidade (*I Carta de Paulo aos Coríntios*) para explorar encontros e desencontros. Constatamos, ao final da pesquisa, como o Cristianismo do século I d.C. transitou pelas ideias e valores de seu tempo, evidenciando interlaces entre a Filosofia, a Espiritualidade e a Saúde.

PALAVRAS-CHAVE: I Carta de Paulo aos Coríntios; Estoicismo; Epiméleia heautoû; Michel Foucault; Filosofia, Espiritualidade e Saúde.

ABSTRACT

Early Christianity was influenced by Jewish traditions in a context in which the Greco-Roman world was immersed in Hellenism. Paul, a Pharisee born in Tarsus and educated in Jerusalem, converted to Christ at the gates of Damascus. The Apostle was influenced by Hellenistic philosophy, particularly Stoicism, which is evident in his speeches and the 14 letters attributed to him in the *New Testament*. We have chosen for our reflections the *First Epistle of Paul to the Corinthians*, whose central themes offer an opportunity for dialogue with this Hellenistic school. Furthermore, we focused on examining how this interaction takes place concerning the notion of *epiméleia heautoû*, a Greek expression referring to the concept of 'care of the self.' Our goal was to promote a dialogue between Philosophy (Stoic), Health (*epiméleia heautoû*), and Spirituality (*First Epistle of Paul to the Corinthians*) to explore encounters and disconnections. At the end of the research, we see how Christianity in the first century A.D. transited through the ideas and values of its time, highlighting interfaces between Philosophy, Spirituality and Health.

KEYWORDS: First Epistle of Paul to the Corinthians; Stoicism; *Epiméleia heautoû*; Michel Foucault; Philosophy, Spirituality and Health.

* Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Filosofia da Saúde, linha de pesquisa Filosofia, Espiritualidade e Saúde UNIFESP/CNPq – UNIFESP, São Paulo, SP, Brasil; silvia.abuchaim@unifesp.br Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2098927080644605> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0361-6927>.

** Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Filosofia da Saúde e linha de pesquisa Filosofia, Espiritualidade e Saúde UNIFESP/CNPq – UNIFESP, São Paulo, SP, Brasil; nadia.vieira@unifesp.br Lattes:<http://lattes.cnpq.br/8264489967225985> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0361-408>

*** Docente da Escola Paulista de Medicina - Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: candido.viviane@unifesp.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4541220233773056>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4164-0245>.

Introdução

Paulo de Tarso, judeu, fariseu, cidadão romano, perseguidor dos cristãos, rende-se à luz do Cristo às portas de Damasco. Torna-se o “Apóstolo dos Gentios”. Em suas viagens missionárias, funda e visita igrejas domésticas por todo o mundo conhecido. Encontra, por inspiração, uma forma de esclarecer as dúvidas e manter a unidade entre as comunidades cristãs: as Cartas.

De acordo com a Bíblia de Jerusalém, “As epístolas de Paulo (...) não são tratados de teologia, mas respostas a situações concretas. [...], não são nem “cartas” meramente particulares, nem “epístolas” puramente literárias, mas explanações que Paulo destina (...), a todos os fiéis de Cristo.” (BÍBLIA, 2002, p. 1956). Apesar da diversidade de temas abordados, “(...) descobre-se nelas uma mesma doutrina fundamental, centrada em torno de Cristo morto e ressuscitado, mas que se adapta, se desenvolve e se enriquece no decurso desta vida consagrada totalmente a todos.” (BÍBLIA, 2002, p. 1956).

Segundo Oliveira e Schiller, “as cartas de Paulo recordam a existência de escritos em forma de cartas filosóficas, às quais os leitores pagãos estavam acostumados, um exemplo claro é a epístola de Sêneca endereçada a Lucídio” (2020, p. 208). Afirmam Gadini e Furtado: “Pode-se encontrar, em fragmentos dos textos de Paulo, conceitos e expressões oriundos do Estoicismo popular, colocados na defesa de contextos cristãos” (2015, p. 5).

O Cristianismo nascente é fortemente influenciado pelas tradições judaicas, num contexto em que o mundo greco-romano se encontra imerso na filosofia helenística, que enaltece a sabedoria, a razão, a ética, a moralidade e a busca pela felicidade. Naturalmente, o contexto social, os

costumes e as tradições do povo judeu e dos gentios¹ encontram-se inseridos na narrativa de Paulo, que desenvolve o seu ministério no período helenístico², caracterizado por um sincretismo de diferentes tradições filosóficas.

Há uma imersão da filosofia e da espiritualidade em um mesmo caldo cultural, ainda sem delimitações enrijecidas. Segundo Foucault, filosofia é “a forma de pensamento que tenta determinar as condições e os limites do acesso do sujeito à verdade” (2010, p. 19), enquanto espiritualidade é “o conjunto de buscas, práticas e experiências que constituem, não para o conhecimento, mas para o sujeito, para o ser mesmo do sujeito, o preço a pagar para ter acesso à verdade” (2010, p. 19). Foucault exemplifica estas práticas e experiências “tais como as purificações, as ascetes, as renúncias, as conversões do olhar, as modificações de existência etc.” (2010, p. 19).

Michel Foucault apresenta em sua obra *A Hermenêutica do Sujeito*, três traços da espiritualidade: 1) a verdade jamais é dada de pleno direito ao sujeito; 2) a verdade jamais é dada ao sujeito por um simples ato de conhecimento; 3) para ter direito ao acesso à verdade é necessário “que o sujeito se modifique, se transforme, se desloque, torne-se, em certa medida e até certo ponto, outro que não ele mesmo” (2010, p. 19-20). Existem duas modalidades de transformação do sujeito para que ele se torne capaz da verdade: 1) a que o arranca de seu *status* e de sua condição atual – movimento do amor – *éros*; 2) o trabalho de si para consigo –

1 De forma geral, gentios significa “nações” e esse é o sentido originalmente aplicado ao termo. Os gentios são os não-judeus, pagãos e politeístas. Paulo utiliza a palavra “gentios” e “gregos” aparentemente como sinônimos. No decorrer da narrativa bíblica, a palavra “gentios” adquire um sentido restrito, principalmente para designar os pagãos. Portanto, o termo hebraico *goyim*, e o termo grego *ethnos* (ou *hellenes*), são traduzidos ora como “nações”, ora como “pagãos”, e ora como “gentios” (BÍBLIA, 2002).

2 O período helenístico inicia-se após a morte de Alexandre, o Grande, em 323 a.C., e permanece até cerca do século II d.C. (Engberg-Pedersen, 2000).

ascese – *áskesis*. Importante ressaltar que, nessa perspectiva, a verdade é o que ilumina o sujeito, o que lhe dá beatitude; o que lhe dá tranquilidade de alma. De acordo com Foucault (2010), na Antiguidade, a questão filosófica – como ter acesso à verdade? – e a prática da espiritualidade – quais são as transformações no ser mesmo do sujeito necessárias para ter acesso à verdade? – sempre caminharam juntas.

Antes de adentrarmos nos objetivos deste artigo, apresentamos a *epiméleia heautou*, expressão grega complexa e rica, que se refere ao cuidado de si mesmo, o fato de ocupar-se consigo, de preocupar-se consigo etc. Foucault a designa como “o conjunto das condições de espiritualidade, o conjunto das transformações de si que constituem a condição necessária para que se possa ter acesso à verdade” (2010, p. 21). É um termo amplamente explorado na filosofia helenística, associado à ideia de autotransformação, autorreflexão e atenção deliberada ao próprio bem-estar físico, mental e espiritual.

Das escolas filosóficas helenísticas, o Estoicismo é a que mais se harmoniza com a narrativa de Paulo. Segundo Brookins (2012), a filosofia estoica permeia toda a *I Carta de Paulo aos Coríntios (Carta)*, objeto de nosso estudo. Carneiro e Selvatici (2022) identificam que Paulo utiliza imagens e metáforas compartilhadas pela filosofia estoica e aproxima-se da ética estoica, especialmente da obra de Sêneca (2022, p. 217). Afirmam Oliveira e Schiller (2020) que há proximidade entre o Estoicismo romano e o pensamento cristão, principalmente, se considerarmos Sêneca (4 a.C. - 65 d.C.), Epicteto (50 d.C. - 130 d.C.) e Marco Aurélio (121 d.C. - 180 d.C.), nos conceitos da existência de Deus, da Natureza Divina e da Providência Divina.

Para efeito deste estudo, adaptamos a divisão da *I Carta de Paulo aos Coríntios* utilizada na Bíblia de Jerusalém (2002), em quatro grandes temas: I) os partidos na igreja de Corinto; II) imoralidade sexual e idolatria; III) os dons espirituais; IV) a ressurreição e a imortalidade da

alma. As citações do Novo Testamento foram extraídas da Bíblia de Jerusalém (2002), assim também elementos da biografia de Paulo de Tarso, complementados com Ball (1998) e Ramos et al. (2012). O diálogo entre o Cristianismo Primitivo e o Estoicismo foi sustentado pelos trabalhos de Assmann (1994), Hadot (1999), Vasconcelos (2019), Oliveira e Schiller (2020). As publicações de Mazzarolo (2019) e Engberg-Pedersen (2000) subsidiaram a relação de Paulo de Tarso com o Estoicismo, enquanto os trabalhos de Brookins (2012) e Silveira (2022) voltaram-se, mais especificamente, ao diálogo do Estoicismo com a *I Carta de Paulo aos Coríntios*. Não podemos pensar em *epiméleia heautoû* dissociada da obra *A Hermenêutica do Sujeito* (Foucault, 2010), que compõe nossa base teórica. Para enriquecer nossas considerações, outros três trabalhos que abordam o cuidado de si em Michel Foucault foram utilizados: Muchail (2011), Wanzeler (2011) e Gomes, Ferreri e Lemos (2018).

Com base nesse arcabouço teórico, buscamos responder às seguintes questões que norteiam a pesquisa: 1) Como se estabelece o diálogo entre a *I Carta de Paulo aos Coríntios* e o Estoicismo, com ênfase na *epiméleia heautoû*? 2) De que maneira estes encontros e desencontros influenciam a interlocução da tríade Filosofia (Estoicismo) – Saúde (*epiméleia heautoû* - cuidado de si mesmo) – Espiritualidade (*I Carta de Paulo aos Coríntios*), no contexto do século I d.C.?

Este artigo, apresentado como um ensaio, está dividido em quatro seções, precedidas desta introdução e sucedidas pelas considerações finais: 1) Estoicismo e Cristianismo; 2) *Epiméleia heautoû* – o cuidado de si mesmo; 3) O “Apóstolo dos Gentios” e legado em Corinto; 4) Diálogo entre a *I Carta de Paulo aos Coríntios*, Estoicismo e *epiméleia heautoû*.

O objetivo deste artigo é estabelecer um diálogo entre a *I Carta de Paulo aos Coríntios* e o Estoicismo, com ênfase na *epiméleia heautoû*, para explorar seus encontros e desencontros. Como consequência, surgem

objetivos específicos: 1) pensar uma interlocução entre Estoicismo, Cristianismo e Espiritualidade; 2) analisar os princípios éticos e morais de costumes da sociedade cristã do século I d.C. e pensá-los como um modelo referencial para a interface Filosofia, Espiritualidade e Saúde.

Estoicismo e Cristianismo

Segundo Vasconcelos, o Cristianismo do século I d.C. preserva a sua essência “sem (...) abdicar do diálogo oportuno com estoícos, epicuristas, cétricos e ‘ecléticos’ em todos os sentidos do termo, já que as filosofias do Helenismo são, em sua maioria, sistemas ‘híbridos’.” (2019, p. 7). O autor ressalta que não podemos ver a helenização do pensamento cristão como um processo unilateral, uma vez que o mundo helenístico, enraizado na cultura grega, paulatinamente deixa-se seduzir pelo Cristianismo. A religião dos deuses olímpicos sofre com a dissolução da *pólis* e os gentios buscam uma nova fé. Encontram no Cristianismo uma religião que acolhe judeus e gentios, e espalha-se por todo o Império Romano.

O princípio fundamental da filosofia estoíca é que a felicidade independe de fatores externos, só devemos nos preocupar com aquilo que está sob nosso controle. Não importa quão negativo seja um acontecimento, o que importa é como reagimos a ele³. Um dos grandes filósofos estoícos, Epicteto, diz:

3 James B. Stockdale, piloto americano, durante a Guerra do Vietnã foi capturado e torturado. Passou quatro anos em uma solitária: “Ele conseguiu sobreviver aplicando o que se lembrava de ter aprendido do ensinamento de Epicteto em um curso que fez na faculdade. Enquanto descia de paraquedas sobre o território inimigo, decidi manter-se impassível diante de tudo o que fizessem, não importando o quão inóspito fosse o tratamento. Como não poderia mudar a situação, não deixaria que ela o afetasse. O estoicismo deu a ele a força para superar a dor e a solidão que teriam destruído a maioria

As coisas não inquietam os homens, mas as opiniões sobre as coisas. Por exemplo: a morte nada tem de terrível, ou também a Sócrates teria se afigurado assim, mas é a opinião a respeito do desígnio, morte – de que ela é terrível – que é terrível! Então, quando se nos apresentarem entraves, ou nos inquietarmos, ou nos afligirmos, jamais consideremos outra coisa a causa, senão nós mesmos – isto é: as nossas próprias opiniões (*Encheiridion* 5a, Epicteto).

O Cristianismo tem um *Logos* divino, Jesus Cristo, o Verbo (*Logos*) de Deus, presente desde a criação do mundo e a fonte de luz e verdade. “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No princípio, ele estava com Deus. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito” (BÍBLIA, João, 1:1-3). O *Logos* que se fez carne é o mesmo que sofreu e morreu na cruz, de morte ignominiosa. Aquele que governa o mundo, o Criador de todas as coisas, manifesta-se em Jesus Cristo “de forma imanente, (...) rompe a transcendência e entra na história (...)” (Oliveira, Schiller, 2020, p. 218).

Vimos, então, que um dos pontos de contato entre o Cristianismo do século I d.C. e o Estoicismo é que ambos valorizam a virtude e a via reta e destacam a importância de se viver de acordo com o *Logos*. E é justamente nessa concepção que também se afastam, uma vez que o *logos* dos estoicos é racional e impessoal, enquanto os cristãos afirmam que o *Logos* se fez carne, ou seja, pressupõem um Deus amoroso que se manifesta entre os homens na figura de Jesus Cristo (Hadot, 1999; Oliveira, Schiller, 2020).

No entanto, no Estoicismo, autor e obra não se distinguem; na natureza está a própria divindade. O natural para os estoicos é tudo o que há no cosmos, inclusive a razão e o espírito; há um espírito racional na natureza. Os seres humanos são fragmentos da divindade, com capacidade

das pessoas.” (Warburton, Nigel. Uma breve história da filosofia. Tradução por Rogério Bettoni. São Paulo: L&PM, 2012, p. 33).

racional, harmonizam-se com ela pelo uso correto da razão. O primeiro vínculo que se estabelece entre o homem e deus é a razão que, quando totalmente desenvolvida e aperfeiçoada, denomina-se sabedoria (Assmann, 1994; Luz, 2020).

Para Hadot (1999), o Cristianismo se apresenta como uma filosofia já no prólogo do Evangelho de João, Jesus o *Logos* eterno. O conceito de *logos* é fundante na filosofia grega, e por sua ambiguidade, pode ser entendido como: palavra, discurso, razão. Para os cristãos, Jesus é a razão em sua totalidade, o discurso verdadeiro; a prática cristã norteia-se na transformação de si para atingir o modelo de perfeição, o Cristo. O autor infere que, na busca de viver de acordo com o *Logos* divino, os seguidores de Jesus vivem em conformidade com a razão, como os filósofos.

De acordo com Luz, “Estoicismo e Cristianismo se desenvolvem em paradigmas distintos. No caso dos estoicos, o paradigma está envolto pela figura do sábio, não do santo, pois, para eles, é o sábio que demonstra o ideal divino para o ser humano” (2020, p. 106). A ética estoica, em virtude de seu caráter eclético, influenciou o desenvolvimento do Cristianismo por causa de seu determinismo e sua valorização do autocontrole, da submissão e da austeridade. Afirmam Oliveira e Schiller (2020), que o valor fundamental da ética estoica determina, em muito, a doutrina cristã, como por exemplo, o domínio dos prazeres e a supremacia da virtude.

***Epiméleia Heautoû* – o cuidado de si mesmo**

Na perspectiva de Michel Foucault (2010), a *epiméleia heautou* é um certo modo de encarar as coisas, de estar no mundo, de praticar ações, de ter relações com o outro, enfim, uma atitude – para consigo, para com

os outros, para com o mundo. A *epiméleia heautoû* é, também, uma certa forma de atenção, de olhar, implica que se converta o olhar do exterior para si mesmo. Designa, ainda, algumas ações que são exercidas de si para consigo, ações pelas quais nós nos assumimos, nos modificamos, nos purificamos, nos transformamos e nos transfiguramos (Foucault, 2010, p. 14-15). Por meio da *epiméleia heautoû*, temos um *corpus* que delineia um modo de existir, uma atitude particular, formas de reflexão e práticas intrínsecas (Wanzeler, 2011; Gomes, Ferreri, Lemos, 2018).

A noção de *epiméleia heautoû* permeia, molda e estabelece a base fundamental para a busca do “cuidado de si”, formulação filosófica que emerge no século V a.C., e estende-se através dos séculos IV-V d.C., percorre toda a filosofia grega, helenística e romana, até o limiar do cristianismo, na espiritualidade alexandrina (Wanzeler, 2011; Gomes, Ferreri, Lemos, 2018). A recomendação da *epiméleia heautoû* encontra suas raízes nos diálogos platônicos, onde a figura emblemática de Sócrates apresenta-se como o catalisador que instiga outros a se voltarem para si mesmos. Nas palavras de Foucault: “Sócrates apresenta-se como aquele que, essencialmente, fundamental e originariamente, tem por função, ofício e encargo incitar os outros a se ocuparem consigo mesmos, a terem cuidado consigo e a não descuidarem de si” (2010, p. 6).

A exortação à autorreflexão e ao “cuidado de si” expande-se de tal maneira durante o período de esplendor do pensamento helenístico e romano, que não apenas se torna um fenômeno cultural abrangente, mas também se destaca como um marco significativo no desenvolvimento do pensamento filosófico (Muchail, 2011; Wanzeler, 2011; Gomes, Ferreri, Lemos, 2018). Para Foucault encontramos em Epicuro a fórmula frequentemente repetida: “Para ninguém é demasiado cedo nem demasiado tarde para assegurar a saúde da alma [...]. De modo que devem filosofar tanto o jovem quanto o velho” (Epicuro, 1977, p. 127 apud Foucault, 2010, p. 28- 29). Entre os estoicos, a noção de *epiméleia heautoû*

é de fundamental importância: em Sêneca, é central, junto com a de *cura sui*; em Epicteto, ela percorre toda a extensão dos *Diálogos* (Muchail, 2011).

Segundo Muchail (2011), é no plano do divino que se passa do “cuidado de si” ao conhecimento de si. “Cuidar de si” é conhecer-se, entendendo-se o conhecimento de si como uma espécie de exigência divina. De acordo com o autor, Foucault traz a ideia de salvação: salvação de si e salvação dos outros, é preciso salvar-se para salvar os outros.

O “Apóstolo dos Gentios” e o legado em Corinto

A cidade de Tarso, terra natal de Paulo, é um centro universitário que concorre com Atenas e Alexandria, e que se destaca no estudo da filosofia e das artes, o que de certa forma, justifica influências helenísticas no discurso de Paulo. Conforme Mazzarolo (2019), Paulo de Tarso é o homem de três mundos, três culturas, três cabeças (judeu, grego, romano). Aprende tanto o aramaico quanto o grego, fala também o hebraico e tem conhecimentos de latim. Educado em Jerusalém, pelo célebre rabino Gamaliel, torna-se fariseu, seita mais severa do Judaísmo, dos intérpretes e doutores da Lei judaica.

Na estrada para Damasco, Saulo, perseguidor implacável dos cristãos, é interpelado por uma intensa Luz, que o cega, e se identifica como Jesus Cristo; só assim Saulo é capaz de ver e se converte (BÍBLIA, 2002; Eusébio De Cesaréia, 2019). Para Goulart: “É pertinente inquirir a que é que se converte Paulo e com que consciência. Que atitude é esta, que terá por consequência a desintegração social, política e religiosa de quem a assume, reposicionando o indivíduo num futuro inconstroto” (2012, p. 145). Quanto mais compreendemos a escuridão do passado de

Paulo, tanto mais entendemos sua gratidão pela graça e pela misericórdia de Deus.

É na cegueira que Saulo alcança o conhecimento e a lucidez acerca de sua posição. Jesus lhe dá como missão iluminar quem não vê e fazer com que quem julga ver reconheça a sua cegueira, a fim de poder ser iluminado (Martins, 2011). A metáfora da cegueira é muito explorada no mundo grego. Tirésias, o homem cego detentor da verdade divina, a instância do saber em quem as trevas físicas convivem com a luz reveladora, estabelece-se como substanciação da ruptura da equação entre visão e conhecimento (Fialho, 1988). Afirma Foucault, “é preciso olhar-se no elemento divino para reconhecer-se: é preciso conhecer o divino para reconhecer a si mesmo” (2010, p. 69).

Após a conversão, Saulo retira-se por três anos ao deserto da Arábia, retorna a Damasco e depois para a Síria-Cilícia. De lá, é reconduzido por Barnabé a Antioquia da Síria (Atos, 11:26) (BÍBLIA, 2002). Podemos dividir o ministério de Paulo em três períodos: 1) da sua conversão ao Cristianismo e agregação à igreja de Antioquia da Síria; 2) o início do seu efetivo trabalho junto a esta igreja e a primeira viagem, quando adota o nome romano ‘Paulo’, preferencialmente ao nome hebreu, ‘Saulo’; 3) estabelecimento de sua autoridade de “Apóstolo dos Gentios”, após o I Concílio de Jerusalém (Ball, 1998). De acordo com Muchail, Paulo passa pelos três traços da espiritualidade descritos por Foucault: 1) altera-se, converte-se, torna-se outro para que a verdade o alcance; 2) ilumina-se com a verdade, debruça-se sobre si mesmo, elabora-se a si mesmo; c) transforma-se e completa-se com a verdade (2011, p. 91-92).

Paulo funda e visita igrejas domésticas em suas três ou quatro viagens missionárias e leva os ensinamentos do Mestre aos confins da Terra. Evangeliza judeus e gentios de todas as classes sociais; trabalha pela conversão de pessoas influentes que possam continuar sua obra e liderar as comunidades. O conhecimento do direito romano e a educação

helenística são fundamentais para o êxito de sua missão. Paulo desenvolve o que se pode chamar de uma teologia aplicada: diante de situações concretas das comunidades, ao tempo em que resolve os problemas, traz uma fundamentação teológica (Gadini, Furtado, 2015). O Apóstolo precisa adaptar a linguagem das pregações do Cristianismo aos pagãos e inculcar a mensagem cristã a muitas outras questões proeminentes na época (Oliveira, Schiller, 2020). A sua pregação centraliza-se em Jesus Cristo morto, crucificado e ressuscitado; para isso, relativiza sua cultura, tradição e costumes.

Paulo abdica do “cuidado de si” para incitar os outros a se ocuparem consigo mesmos. O Apóstolo negligencia sua fortuna, sua família, seus amigos, uma brilhante carreira no Sinédrio, para ocupar-se com os outros. Pela fé no Cristo, crucificado e ressuscitado, sacrifica-se para levar o Evangelho - vida e obra de Jesus - aos confins da Terra.

O “Apóstolo dos Gentios” dedica toda a sua vida ao cumprimento da missão que lhe foi dada pelo Cristo. Desempenha junto às comunidades cristãs o papel daquele que desperta e abre os olhos dos que dormem para que vejam a claridade do Evangelho do Cristo; conclama os cristãos à verdadeira caridade, que consiste no amor altruísta. Por vezes, Paulo incorpora em seu discurso o fariseu judaico, mas sempre permeado pela suavidade do servo do Senhor Jesus Cristo.

Paulo chega a Corinto, a “joia rara da Acaia”, cidade de grande importância comercial e marítima, por volta do ano 50 d.C., durante a sua segunda viagem missionária. Corinto possui uma acrópole onde se encontra, dentre outros, o templo dedicado à deusa Afrodite. Sacerdotisas ligadas ao templo praticam a prostituição ‘cultural’, uma vez que o culto à Afrodite perpassa pelo sexo. Em um outro importante templo, dedicado a Apolo, cultua-se o corpo masculino. Segundo Ball, “Famosa por suas riquezas e inclinação aos prazeres e vida fácil, Corinto tornou-se símbolo do pecado” (1998, p. 77).

De acordo com Margiotti e Oliva (2021), quando chega em Corinto, Paulo se depara com uma infinidade de cultos politeístas de matriz grega, romana ou oriental, que coexistem com o modo de vida dos judeus da diáspora. O casal de tecelões Áquila e Priscila, judeus convertidos ao Cristo, procedentes de Roma, acolhe Paulo e lhe oferece hospedagem e trabalho. Tornam-se grandes amigos e colaboradores no ministério (Costa, 2019). Paulo inicia sua pregação pela sinagoga judaica, onde converte judeus e gentios, até que alguns judeus começam a blasfemar contra o Cristo. Paulo deixa a sinagoga e começa a evangelizar na casa de Tício Justo, um gentio temente a Deus (Ball, 1998).

Em Corinto, a cidade famosa pelos prazeres da carne e cultos pagãos, Paulo funda uma numerosa comunidade cristã, com minoria judaica, maioria gentílica; minoria elitizada, maioria escravos, juntamente com Silas, Áquila e Priscila. O Apóstolo permanece junto à igreja de Corinto por 18 meses, divulga o Evangelho e prepara líderes (BÍBLIA, 2002).

Por volta de 50 d.C., ainda em Corinto, Paulo, ressentido pela impossibilidade de retornar a todas as igrejas que fundou ou visitou para esclarecer as dúvidas e os anseios dos fiéis, por inspiração, inicia o movimento das cartas com a *I Epístola aos Tessalonicenses* (Eusébio De Cesaréia, 2019).

Diálogo entre a *I Carta de Paulo aos Coríntios*, Estoicismo e *epiméleia heautoû*

A *I Carta aos Coríntios* encontra-se entre as grandes cartas escritas por Paulo e sua autenticidade é aceita pela maioria dos estudiosos. Relatam Silveira e Caldas (2022), que é escrita durante a sua terceira viagem, em Éfeso, perto do final do ministério de três anos naquela cidade,

no final de 56 d.C. ou, mais provavelmente, no início de 57 d.C. Paulo é informado por algumas pessoas da casa de Cloé, uma família importante de Corinto, sobre dissensões e rivalidades na igreja; recebe, ainda, uma carta de líderes da comunidade com diferentes questionamentos. É possível que Estéfanos, Fortunato e Acaico, membros da igreja de Corinto, em passagem por Éfeso, e mesmo o evangelizador Apolo, tenham também relatado ao Apóstolo problemas e escândalos que ocorriam naquela comunidade cristã. A igreja enfrenta, ainda, outros problemas, tais como: a imoralidade sexual, as desordens nas reuniões e os conflitos entre os cristãos ricos e pobres durante a Eucaristia (Costa, 2019).

Encontramos diferentes formas de divisão da *Carta* na literatura científica. Optamos pela que segue, adaptada da Bíblia de Jerusalém (BÍBLIA, 2002):

I. Os Partidos na Igreja de Corinto (capítulos de 1 a 4)

- *As divisões entre os fiéis*: os fiéis estão se dividindo por líderes, alguns seguem Paulo, outros Apolo, outros ainda Pedro, esquecendo que cada indivíduo é parte do Corpo de Cristo, em torno de quem está a unidade. Engberg-Pedersen (2000) e Silveira (2022) destacam a presença de elementos estoicos na argumentação de Paulo, especificamente em relação à unidade na igreja. Paulo compara a comunidade cristã ao corpo humano, e enfatiza que cada membro desempenha uma função crucial para o seu funcionamento, assim como na igreja, onde cada cristão, independentemente de seus dons ou funções, contribui para o bem-estar coletivo. Deve-se buscar o equilíbrio entre o “cuidado de si” e a dedicação à comunidade.

- *A loucura da cruz*: Paulo apresenta o conceito de *moria stou staurou*, a “loucura da cruz”, e assume para si mesmo o papel de *salós*, um “louco” pela causa divina. O Apóstolo argumenta que a sabedoria humana se torna insignificante diante da cruz de Cristo, pois seu verdadeiro significado transcende a lógica humana. A loucura de Paulo representa a profundidade da mensagem cristã, que é considerada sabedoria divina (Ramos, 2012; Costa, 2019). O Apóstolo incorpora elementos estoicos em sua argumentação, mas enfatiza a singularidade da mensagem cristã, que transcende a sabedoria humana e se baseia na “loucura da cruz” e na ação do Espírito Santo.
- *Sabedoria do mundo e sabedoria cristã*: Paulo não usa palavras elaboradas e persuasivas, nem seu poder intelectual para pregar o Evangelho. Ao contrário, desenvolve a sabedoria e a serenidade interior preconizadas pelo Estoicismo para realizar maravilhas, curas e milagres, como manifestações do Espírito e do poder de Deus que o acompanham. O Apóstolo enfatiza que é o Espírito Santo que o capacita a revelar verdades profundas de Deus, além do alcance da mente humana. Por mais sofisticada que seja a retórica e por maior que seja a sabedoria filosófica, estão muito aquém da sabedoria divina (BÍBLIA, 2002; Ramos, 2012; Mazzarolo, 2019; Luz, 2020; Margiotti, Oliva, 2021).
- *Homem ‘espiritual’ e homem ‘psíquico’ (racional) ou homem ‘natural’ (carnal)*: Vasconcelos comenta: “(...), o Deus de Paulo é ‘loucura’ para os gregos que submetem à ‘inteligência e à necessidade’ todo seu Olimpo”. Prossegue o autor: “A crítica de Paulo dirige-se para a falsa sabedoria persuasiva e estabelece uma distinção entre o homem racional e o homem espiritual” (2019, p. 11). Paulo utiliza elementos da linguagem grega para dialogar com os gentios nos campos da retórica, da religiosidade e da

filosofia: “Os judeus queriam sinais, e os gregos, sabedoria” (I Coríntios 1:22). Mazzarolo relata: “Os gregos ambicionavam a ‘transcendência’ através da razão ou do intelecto. Os judeus almejavam a salvação através da prática dos preceitos da tradição e da Torá” (2019, p. 15).

Ressaltamos que há um forte ponto de divergência entre o pensamento estoico, a noção da *epiméleia heautoû* e a *Carta de Paulo* no que se refere à sabedoria do mundo e à sabedoria cristã. O Apóstolo argumenta que a retórica sofisticada e a sabedoria filosófica são incapazes de resolver questões como o perdão dos pecados e a reconciliação com Deus, o que só pode ser alcançado por meio de Jesus Cristo, crucificado e ressuscitado (Ramos, 2012).

II. Imoralidade Sexual e Idolatria (capítulos de 5 a 9)

- *O caso de incesto*: Paulo expressa sua consternação ao tomar conhecimento de um caso de incesto dentro da igreja de Corinto, onde um membro da congregação mantém relações íntimas com sua madrasta. O Apóstolo utiliza uma metáfora que compara o pecado a um fermento que leveda toda a massa, exorta os coríntios a viverem em pureza e verdade, e os instrui a remover o mal de seu meio (Gadini, Furtado, 2015).
- *Fornicação*: Paulo enfatiza a importância do corpo físico como templo do Espírito: quando se comete qualquer tipo de imoralidade sexual, seja promiscuidade, prostituição, fornicção, adultério, macula-se este vaso sagrado. O Apóstolo argumenta que esses pecados afetam o corpo do cristão, visto como parte do corpo de Cristo e templo do Espírito de Deus. Paulo adverte sobre

os efeitos prejudiciais da imoralidade sexual na comunidade, e destaca que ela pode causar desequilíbrio e divisões. A sua orientação se assemelha aos princípios estoicos, que enfatizam o autocontrole em relação aos desejos como uma forma de preservar a integridade física, mental, moral e espiritual. Os estoicos valorizam a virtude e a autossuficiência como meios de alcançar uma vida bem vivida e promovem a moderação e a renúncia aos excessos. O Apóstolo alerta, ainda, sobre os perigos do excessivo apego aos bens materiais e aos prazeres mundanos.

- *Casamento*: Paulo enfatiza a importância da pureza sexual. Destaca que a relação sexual deve ser reservada estritamente ao contexto do casamento e incentiva os cônjuges a satisfazerem mutuamente suas necessidades para evitar a imoralidade sexual (Silveira, Caldas, 2022). Os princípios estoicos da busca da virtude por meio da razão e do autocontrole, tolerância e compreensão, autodomínio e moderação nas ações e emoções, fundamentais para uma relação conjugal saudável, devem ser exercidos. Outros preceitos estoicos podem aqui ser aplicados, tais como: sabedoria, razão, ética, moralidade e busca pela felicidade. Paulo enfatiza a importância do casamento como uma instituição divina, e instrui os cônjuges a cuidarem um do outro com amor e respeito. A ênfase na responsabilidade mútua é uma forma de “cuidado de si”, onde cuidar do próprio corpo inclui cuidar do relacionamento conjugal de maneira saudável (Dias, 2012).
- *Escravidão*: Paulo destaca que, apesar das diferenças sociais, a igualdade e a fraternidade em Cristo transcendem as barreiras sociais, e refletem os princípios estoicos de igualdade e fraternidade entre todos os seres humanos (Silveira, 2022). O Apóstolo chama os fiéis à unidade em Cristo que está para além

de diferenças sociais ou étnicas, e só é alcançada com os preceitos estoicos de igualdade e fraternidade, tolerância, compreensão e equilíbrio.

- *Consumo das carnes imoladas aos ídolos*: a ética e o respeito à liberdade e à individualidade uns dos outros, preconizados no Estoicismo, devem ser praticados. Paulo adverte que a razão e o autocontrole devem ser utilizados para que se exerça a liberdade com responsabilidade. Ensina que se o consumo da carne imolada aos ídolos é considerado por um irmão de consciência mais vulnerável como um ato de idolatria, que o sábio se abstenha de comê-la (Mazzarolo, 2019). O Apóstolo comenta sobre a importância de se ter compaixão e empatia pelos irmãos menos fortalecidos na fé e enfatiza que o amor é fundamental para a unidade do Corpo de Cristo (Ball, 1998; BÍBLIA, 2002; Eusébio De Cesareia, 2019).
- *O exemplo de Paulo*: o Apóstolo utiliza metáforas esportivas, como a do atleta, para transmitir a ideia de que a vida cristã requer disciplina e autocontrole, semelhante aos desafios enfrentados por atletas. Paulo ressalta a necessidade de concentração na meta da santificação, e contrapõe o perecível ao perene, onde a coroa do reino eterno é superior a coroa de louro efêmera (Santos, Leite, 2015; Santos, 2016; Silveira, 2022). O Apóstolo inclui-se como esse atleta que corre e precisa atingir a meta; demonstra que a ação de controle do corpo é princípio básico para enfrentamento da luta. Contrapõe perecível e perene, pois a coroa de louro tem curta duração, enquanto a coroa do reino eterno dura para sempre (Santos, Leite, 2015; Santos, 2016; Silveira, 2022).

III. Os Dons Espirituais (capítulos de 10 a 14)

- *A boa ordem nas assembleias*: as comunidades cristãs primitivas utilizam um sistema organizado de crenças, práticas, rituais e símbolos designados para facilitar o acesso a Deus e ao Senhor Jesus Cristo, que vai ao encontro do que Koenig, McCullough e Larson (2001) denominam, posteriormente, como Religião. Na *I Carta aos Coríntios*, Paulo discorre acerca do comportamento dos fiéis durante as cerimônias de louvor; ensina sobre a postura e o respeito durante a ceia do Senhor; esclarece quanto ao uso do véu, obrigatório para as mulheres e proibido para os homens; a restrição das mulheres cristãs pronunciarem-se durante o culto, enfim, orienta práticas, rituais e símbolos facilitadores da transcendência.
- *O papel das mulheres*: com exceção de algumas cidades gregas, onde mulheres de famílias ricas e influentes têm acesso ao estudo da filosofia e outras áreas do conhecimento, na cultura da época de Paulo, a maioria ocupa uma posição subordinada na sociedade. O Cristianismo desafia a sociedade helenística ao criar comunidades e famílias que integram pessoas de diferentes línguas, culturas e raças, e enfatizar a igualdade de todos perante Deus, independentemente de gênero, *status* social ou origem étnica (Silveira, 2022).
- *Dons do Espírito ou “carismas”*: Paulo refere-se à diversidade dos dons espirituais ou carismas, fartamente distribuídos na igreja de Corinto. Sejam quais forem os dons, devem servir aos propósitos da iluminação da igreja e da transcendência. Na época em que a carta é escrita, há várias práticas religiosas que envolvem falar em línguas, e isso inclui algumas práticas pagãs. Assim, uma possível conexão com o Estoicismo é a discussão sobre o papel da

religião e suas práticas na vida humana. Alguns filósofos, como Epicteto e Sêneca, enfatizam a importância da espiritualidade como um caminho de conexão com o divino e de significação da vida. Viktor Frankl (1991) lança um olhar para a Espiritualidade enquanto transcendência, significado e propósito de vida. Afirma o autor que a Espiritualidade é a essência da humanidade, o aspecto do ser humano que se relaciona consigo mesmo, com os outros e com a transcendência.

- *Hino à caridade (ode ao amor)*: “Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e as dos anjos, se eu não tivesse a caridade [o amor], seria como um bronze que soa ou como um címbalo que tine.” (I Coríntios, 13:1). Paulo compõe a belíssima “Ode ao Amor”, “Ainda que eu tivesse o dom da profecia, o conhecimento de todos os mistérios e de toda a ciência, ainda que tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tivesse a caridade, eu nada seria.” (I Coríntios, 13:2). Paulo descreve o amor altruísta, em algumas traduções, a caridade, como uma transformação interior “Ainda que eu distribuísse todos os meus bens aos famintos, ainda que entregasse o meu corpo às chamas, se não tivesse a caridade, isso nada me adiantaria.” (I Coríntios, 13:3). O amor *ágape* é a construção do Reino de Deus no coração do homem, como preconizou Jesus Cristo, é o “cuidado de si” na sua mais pura expressão. O filósofo estoico Epicteto dialoga com Paulo ao ensinar: a importância do amor e da caridade; o respeito à liberdade e à individualidade uns dos outros; a tolerância, a compreensão; o autodomínio e a moderação nas ações e emoções; a busca de tesouros espirituais (Silveira, Caldas, 2022).

IV. A Ressurreição e a Imortalidade da Alma (capítulo 15)

A ressurreição de Cristo e a ressurreição dos mortos: Viktor Frankl (1991) refere que a vida é sofrimento e sobreviver é encontrar significado na dor; se há um propósito na vida, deve haver também um significado na dor e na morte. Na crucificação, a dor e o sofrimento; na ressurreição, o propósito e a transcendência. Esses dois aspectos são bastante explorados na *I Carta de Paulo aos Coríntios*. Herculano Filho (2009) constata que, ao longo de suas cartas, Paulo emprega imagens escatológicas e apocalípticas. Na ressurreição, o ponto central da teologia paulina, encontramos elementos do conceito teológico judaico e da antropologia helênica. Segundo Sakr, “o Cristo Morto e Ressuscitado é o centro da pregação de Paulo. Mas também a ‘pré-existência’ de Cristo, antes de todos os séculos e a sua segunda vinda no final dos tempos, fazem parte essencial da mensagem paulina.” (2009, p. 105). Paulo escreve sobre a ressurreição dos mortos e a vida eterna, argumenta que: se Cristo não ressuscitou, então a fé cristã é vazia e sem sentido; assim como Cristo ressuscitou dos mortos, os cristãos também ressuscitarão e terão acesso à vida eterna. O Apóstolo também se refere ao julgamento final e à recompensa ou punição que aguarda cada homem após a morte, a depender de suas obras em vida (Souza, 2022).

Aqui encontramos outro forte ponto de divergência entre o pensamento estoico, a noção da *epiméleia heautoû* e a *Carta*. Segundo Vasconcelos (2019), a ideia de ressurreição dos mortos scandaliza os gregos, pois a morte representa a libertação da alma do corpo, algo visto como positivo. Tanto Paulo quanto os estoicos acreditam em uma transcendência da morte. No entanto, enquanto o Apóstolo defende que os justos alcançam uma forma mais elevada de vida, os estoicos têm uma

visão panteísta⁴. Paulo baseia sua crença da ressurreição dos fiéis na ressurreição de Cristo e a liga à história da salvação como um todo (Herculano Filho, 2009; Sakr, 2009; Silveira, Caldas, 2022; Souza, 2022). Silveira e Caldas (2022) observam que os estoicos não admitem salvação ou vida após a morte. De acordo com a filosofia estoica, a alma se funde novamente com o fogo universal e faz parte da razão cósmica; reconhece na presença de uma razão divina universal que permeia toda a realidade, uma divindade imanente e não transcendente. A virtude é considerada o bem supremo, e os eventos externos não devem abalar a tranquilidade interior.

Considerações finais

Apesar de se apresentarem em contextos diferentes, filosófico e religioso, foi possível promover uma aproximação entre o Estoicismo, com ênfase no “cuidado de si” e a *Carta de Paulo. A epiméleia heautoû* transcende as noções superficiais e abraça o chamado à introspecção, à autorreflexão e à busca pelo conhecimento interior. Consideramos que o objetivo proposto neste artigo foi alcançado, uma vez que, estabelecemos o diálogo e exploramos encontros e desencontros da tríade Filosofia (Estoicismo), Saúde (cuidado de si mesmo - *epiméleia heautoû*) e Espiritualidade (*I Carta de Paulo aos Coríntios*), no contexto do século I d.C.

4 Panteísta: Que ou quem crê que o universo, a natureza e Deus formam um todo. (Dicionário Priberan da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2024). O Estoicismo ensina que Deus é o próprio Universo e a alma humana uma centelha divina, que se desprende dessa matéria imensa e a ela retorna. É a crença no Panteísmo. Para os estoicos, a noção da matéria está fortemente ligada à noção do esforço, considerando negativa qualquer forma de passividade (Vieira, Nádia V., 2002).

Consideramos que os princípios éticos e morais de costumes da sociedade cristã do século I d.C., na interlocução entre Estoicismo, Cristianismo e Espiritualidade, podem ser pensados como referenciais na saúde na interface entre Filosofia, Espiritualidade e Saúde. O pensamento cristão se desenvolve em um contexto histórico específico, com desafios e questões próprias e transita entre as ideias e valores do seu tempo.

Paulo de Tarso tem um especial carinho pela igreja de Corinto, a “filha mais rebelde”, refere-se aos fiéis como filhos do seu coração e os chama à transformação, que sejam seus imitadores, assim como ele é imitador do Cristo. Paulo utiliza imagens e metáforas compartilhadas pela filosofia estoica, como a metáfora do corpo humano para falar sobre a unidade, a metáfora do fermento que leveda toda a massa ao falar sobre a imoralidade sexual, a metáfora do atleta que deve concentrar-se na meta, seja na corrida pela coroa de louros perecível, seja pela coroa imperecível. Foucault (2010, p. 272-273), ao analisar o “cuidado de si” no contexto da Antiguidade, afirma que é fundamental a concentração na meta que se quer alcançar. É preciso concentrar-se tanto para não perder o foco em uma caminhada, no caso do atleta, quanto para não errar o alvo, no caso do arqueiro. No contexto de Paulo, o alvo a ser alcançado é o ideal do processo de santificação.

Paulo cita a máxima coríntia “Tudo me é permitido, mas nem tudo me convém” como um lembrete de que o autocontrole é essencial para o bem da comunidade cristã (Brookins, 2012). Sêneca dialoga com Paulo ao escrever que o medo é experimentado pelo espírito fraco. Aquele que tem o conhecimento tem por obrigação respeitar aquele que ainda é ignorante. Segundo Sêneca, o homem não deve se expor às paixões que possam seduzi-lo, seja a bebida, a beleza ou o poder. O Apóstolo aborda o tema da liberdade cristã em relação às práticas alimentares e relações sexuais, e enfatiza que a liberdade deve ser exercida com responsabilidade e que se deve priorizar o amor ao próximo e o bem comum.

Sílvia Cristina Borragini-Abuchaim
Nádia Vitorino Vieira
Viviane Cristina Cândido

É para a comunidade cristã de Corinto que Paulo escreve um dos mais belos textos do Novo Testamento, a “Ode ao Amor”, que fala sobre os dons. A igreja é agraciada com todos os tipos de dons espirituais ou carismas, de línguas, de cura, de profecia, dentre outros. Na busca destes tesouros espirituais é importante que se tenha sabedoria e serenidade interior, autocontrole e moderação nas ações para que se alcance a conexão com a Divindade, como preconiza o Estoicismo. Paulo de Tarso, com muita delicadeza e sensibilidade, ressalta o amor *ágape* como a mais elevada expressão da vida cristã e dialoga com o princípio estoico da busca pela felicidade.

O intuito de nossa pesquisa foi provocar inquietações e abrir campo para que novos estudos aconteçam. Este artigo apresenta limitações, uma vez que o espaço desta publicação não permite maior aprofundamento em cada um dos temas abordados. Em nossa leitura inicial da *I Carta de Paulo aos Coríntios*, identificamos no seu diálogo com o Helenismo uma maior influência do Estoicismo, e nela buscamos elementos de saúde com ênfase na *epiméleia heautoû*. Ressaltamos que, apesar das aproximações identificadas, existem diferenças significativas em suas crenças centrais e concepções sobre Deus, salvação, vida após a morte, conceitos éticos e outros aspectos fundamentais.

Referências Bibliográficas

ASSMANN, Selvino José. Estoicismo e helenização do cristianismo. *Revista de Ciências Humanas*, v. 11, n. 15, p. 24-38, 1994. DOI: <https://doi.org/10.5007/%25x>.

BALL, Charles Ferguson. *A vida e os tempos do apóstolo Paulo: a reconstituição da mais famosa história da igreja cristã*. Tradução por

Neyd Siqueira. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1998. ISBN: 85-263-0186-1.

BÍBLIA - *Bíblia de Jerusalém* – revista e ampliada. Coordenadores: Gilberto Gorgulho, Ivo Storniolo e Ana Anderson. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. Tradução do Novo Testamento por: Jorge Mota, Theodoro Maurer Jr., Ivo Storniolo, Joaquim Zamith, Ney Pereira, Calisto Vendrame, Domingos Zamagna, Estevão Bittencourt, Gilberto Gorgulho, Isaac Salum. Tradução das introduções e notas de *La Bible de Jerusalém*, 1998. São Paulo: Paulus, 2002. ISBN: 978-85-349-1977-7.

BROOKINS, Timothy A. *The wise man among the Corinthians: rethinking their wisdom in the light of ancient stoicism and studies on ancient economy*. Cambridge: University Press, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9781107110168>.

CARNEIRO, Douglas Castro; SELVATICI, Monica. Paulo de Tarso e a representação da escravidão em 1Coríntios. *Antíteses*, Londrina, v. 15, n. 30, p. 188-222, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5433/1984-3356.2022v15n30p243-262>.

COSTA, José Joaquim Mendes da. *A retórica da loucura na Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios*. O recurso teológico a uma categoria inesperada. 2019. Dissertação. (Mestrado Integrado em Teologia). Lisboa, Faculdade de Teologia. Universidade Católica Portuguesa. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.14/29283>. Acesso em: 24 jan. 2024.

DIAS, Paula Barata. Paulo e a controvérsia sobre os alimentos permitidos aos cristãos: a mesa entre dois mundos. In: RAMOS, José Augusto; PIMENTEL, Maria Cristina de Sousa; FIALHO, Maria do Céu; RODRIGUES, Nuno Simões (Coords.). *Paulo de Tarso*. Grego

Sílvia Cristina Borragini-Abuchaim
Nádia Vitorino Vieira
Viviane Cristina Cândido

e romano, judeu e cristão. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012, p. 116-130. DOI: <http://dx.doi.org/10.14195/978-989-721-006-8>.

ENGBERG-PEDERSEN, Troels. *Paul and the stoics*. Louisville, Kentucky: Westminster John Knox Press; 2000. ISBN: 978-06-6422-234-5.

ÉPICURE. *Letres et máximo*. Tradução por M. Conche, Viller-sue-Mer, Éd. De Mégare, 1977.

EPICURO. Carta sobre a felicidade: (a Meneceu)/Epicuro; tradução e apresentação de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: Editora UNESP, 2002. ISBN: 85-7139-397-4.

EPICTETO. *Encheiridion de Epicteto*. Tradução do grego, introdução e comentário de Aldo Dinucci e Alfredo Julien. São Paulo: Annablume; Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/4204371/O_Encheir%C3%ADdion_de_Epicteto_Edi%C3%A7%C3%A3o_Bil%C3%ADngue?uc-g-sw=41226759 Acesso em: 24 jan. 2024.

EUSÉBIO DE CESARÉIA. *História eclesiástica*. São Paulo: Fonte Editorial, 2019. ISBN: 978-85-263-1881-6.

FIALHO, Maria do Céu Grácio Zambujo. *Luz e trevas no teatro de Sófocles*. 1988. Tese. (Doutoramento em Letras, Literatura Grega). Coimbra, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10316/744>. Acesso em: 24 jan. 2024.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. Tradução por Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2010. ISBN: 85-336-2344-5.

FRANKL, Viktor E. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Tradução por Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. Petrópolis: Vozes, 1991. ISBN: 978-85-326-0626-6.

GADINI, Sérgio Luiz; FURTADO, Kevin Willian Kossar. Carta cristãs como mídia comunitária: o que Paulo de Tarso pode ensinar sobre comunicação popular? *Revista Famecos (Online)*. Porto Alegre, v. 22, n. 4, p. 1-18, 2015. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2015.4.20241>.

GOMES, Marcel Maia; FERRERI, Marcelo; LEMOS, Flávia. O cuidado de si em Michel Foucault: um dispositivo de problematização do político no contemporâneo. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 30, n. 2, p. 189-195, 2018. DOI: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v30i2/5540>.

GOULART, Ana Paula. Moisés e Paulo em busca de um povo. In: RAMOS, José Augusto; PIMENTEL, Maria Cristina de Sousa; FIALHO, Maria do Céu; RODRIGUES, Nuno Simões (Coords.). *Paulo de Tarso*. Grego e romano, judeu e cristão. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012, p. 143-148. DOI: <http://dx.doi.org/10.14195/978-989-721-006-8>.

HADOT, Pierre. *O que é a filosofia antiga*. São Paulo: Loyola, 1999. ISBN: 978-85-150-1785-0.

HERCULANO FILHO, José. *Imortalidade da alma e ressurreição dos mortos no Cristianismo Primitivo*. 2009. Dissertação. (Curso de Pós-Graduação em Ciências das Religiões). Paraíba, Universidade Federal da Paraíba. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=155354. Acesso em: 24 jan. 2024.

Sílvia Cristina Borragini-Abuchaim
Nádia Vitorino Vieira
Viviane Cristina Cândido

KOENIG, Harold G., McCULLOUGH, Michael E., LARSON, David B. (Orgs.). *Handbook of religion and health: a century of research reviewed*. New York: Oxford University Press, 2001. ISBN: 978-01-953-3595-8.

LUZ, Diogo da. Análise de 1 Coríntios 2,1-5: Paulo de Tarso em comparação com os estoicos sobre “Sabedoria”. *Perspectiva Filosófica*, v. 47, n. 1, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/perspectivafilosofica/article/view/248338/36717>. Acesso em: 24 jan. 2024.

MARGIOTTI, Alaína Garcia; OLIVA, Alfredo dos Santos. O embate discursivo em torno da sabedoria na Primeira Carta de Paulo aos Coríntios a partir de uma perspectiva foucaultiana. *Phoênix*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 124-140, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufjf.br/index.php/phoenix/article/view/45705/24642>. Acesso em: 24 jan. 2024.

MARTINS, Bruno Sena. *Lugares da cegueira: Portugal e Moçambique no trânsito de sentidos*. 2011. Tese. (Doutoramento em Sociologia). Coimbra, Universidade de Coimbra. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10316/17847>. Acesso em: 24 jun. 2024.

MAZZAROLO, Isidoro. A importância do Helenismo no pensamento do Apóstolo Paulo. *Theologica Xaveriana*. v. 188, p. 1-24, 2019. DOI: <https://doi.org/10.11144/javeriana.tx69-188.ihpap>.

MUCHAIL, Salma Tannus. *Foucault, o Mestre do cuidado: texto sobre A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Loyola, 2011. ISBN: 978-65-86255-43-0

OLIVEIRA, Thiago Antunes Ferreira de; SCHILLER, Soter. As relações entre a filosofia e o Cristianismo nos primeiros séculos.

Helleniká – Revista Cultural, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 201-219, 2020. Disponível em: <https://fasbam.edu.br/pesquisa/periodicos/index.php/hellenika/article/view/214>. Acesso em: 24 jan. 2024.

PLATÃO. Defesa de Sócrates. In: *Sócrates*. Seleção de textos. 2. ed. Tradução por Jaime Bruna. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Col. Os Pensadores). Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5808070/mod_resource/content/1/Apologia-de-So%CC%81crates-Plata%CC%83o.pdf. Acesso em: 24 jan. 2024.

RAMOS, José Augusto. Paulo de Tarso: a conversão como acto hermenêutico. In: RAMOS, José Augusto; PIMENTEL, Maria Cristina de Sousa; FIALHO, Maria do Céu; RODRIGUES, Nuno Simões (Coords.). *Paulo de Tarso*. Grego e romano, judeu e cristão. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012, p. 55-61. DOI: <http://dx.doi.org/10.14195/978-989-721-006-8>.

SAKR, Michel. Jesus Cristo nas Carta Paulinas. *Revista de Cultura Teológica*, v. 17, n. 67, p. 105-115, 2009. DOI: <https://doi.org/10.19176/rct.v0i67.15456>.

SANTOS, Zilda Andrade Lourenço dos; LEITE, Leni Ribeiro. Textos da Antiguidade que apontam para estratégias retóricas no uso comum de metáforas nas Carta de Sêneca a Lucílio e de Paulo aos Coríntios. *Revista Philologus*, v. 21, n. 61, p. 1155-63, 2015. Disponível em: http://www.filologia.org.br/vii_sinefil/COMPLETOS/Textos%20da%20Antiguidade%20-%20ZILDA.pdf. Acesso em: 24 jan. 2024.

SANTOS, Zilda Andrade Lourenço dos. Recursos retóricos baseados em exemplos como fonte de lugar comum em Carta de Paulo aos Coríntios. *Revista Caminhando*, v. 21, n. 2, p. 113-126, 2016. DOI: <https://doi.org/10.15603/2176-3828/caminhando.v21n2p113-126>.

Sílvia Cristina Borragini-Abuchaim
Nádia Vitorino Vieira
Viviane Cristina Cândido

SILVEIRA, Leonardo dos Santos. Apontamentos sobre a relação de Paulo de Tarso com o Estoicismo a partir de 1Coríntios. Rio de Janeiro, *Coletânea*, v. 21 n. 41, p. 71-92, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v21i41-2022-4>.

SILVEIRA, Leonardo dos Santos; CALDAS, Marcos José de Araújo. Paulo de Tarso, apocalíptica e Estoicismo: aproximações a respeito da vida após a morte. *Revista Medievalis*, v. 11, n. 1, p. 37-44, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufjf.br/index.php/medievalis/article/view/53508/30128>. Acesso em: 24 jan. 2024.

SOUZA, Marcelo Serafim de. *Apologética paulina à doutrina da ressurreição na primeira carta aos coríntios*. 2022. Dissertação. (Mestrado em Teologia), Faculdades EST, São Leopoldo. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/handle/BR-SIFE/1098>. Acesso em: 24 jan. 2024.

VASCONCELOS, Paulo Sérgio Dantas. Helenismo e cristianismo primitivo: encontros e confrontos. *Revista Ideação*, n. 40, p. 6-15, 2019. DOI: <https://doi.org/10.13102/ideac.v1i40.4936>.

VIEIRA, Nádia Vitorino. *A Filosofia Estoica de Marco Aurélio Antonino e o cuidado de si*. 2002. (Mestrado em Filosofia) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

WANZELER, MURILO CUNHA. *O Cuidado de Si em Michel Foucault*. 2011. (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal da Paraíba, Paraíba. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/5579>. Acesso em: 24 jan. 2024.

WARBURTON, Nigel. *Uma breve história da filosofia*. Tradução por Rogério Bettoni. São Paulo: L&PM, 2012, p. 33. ISBN: 978-85-254-2753-3.